



Thaís Ludmila da Silva RANIERI (PPGL-UFPE/UAST-UFRPE)

## 1 Apresentação

Com o avanço dos estudos da sociocognição, o estabelecimento da referência passa a ser analisado como uma atividade discursiva, pautada numa relação dialógica em que os sujeitos constroem e reconstróem os objetos do mundo discursivamente. Sob essas novas condições, a referência é tratada como uma atividade discursiva construída interacionalmente (CAVALCANTE, 2011). Nesse caso, além dos sujeitos, faz se importante também a presença de elementos de ordem sociocultural que vão ser necessários por determinar e conduzir essa construção (MONDADA, DUBOIS, 2003; KOCH, MARCUSCHI, 1998). Além dessas questões, há ainda outros pontos que devem ser postos em evidência dentro dos estudos da referenciação: a associação entre elementos verbais e não-verbais, ou seja, a multimodalidade e a atuação em conjunto dos interactantes diante de um objeto-de-discurso.

Em vista disso, o presente trabalho tem por objetivo levantar algumas reflexões em torno do estudo da referenciação, tendo por base o olhar para os aspectos multimodais e colaborativos necessários para se estabelecer a progressão referencial. Para tanto, recortamos nossa investigação e tomamos como objeto de análise de tais fenômenos o gênero comentário online. Para a composição de nosso *corpus*, selecionamos os comentários que foram postados a partir da visualização do videoclipe da cantora Ivete Sangalo, lançado em 2010, para divulgação de seu DVD.

Diante do exposto, podemos anunciar de antemão que a referenciação, como vários autores vêm chamando atenção (MONDADA, 2005; BENTES e RIOS, 2005; CUSTÓDIO FILHO, 2011), não se estabelece como uma atividade crivada no plano textual, mas ativa elementos de semioses diversas em seu processo. Veremos, também, que não apenas os elementos verbais podem ser referenciados, mas que os sujeitos referenciam em seus comentários os elementos não-verbais, como a música, o figurino, o cenário, que são expostos no videoclipe. Dessa forma, estamos diante de um fenômeno – a referenciação –

que precisa ser repensado dentro da proposta assumida pelos estudos da Linguística Textual em que o texto passa a ser visto como um elemento multimodal por excelência (BENTES, RAMOS, ALVES FILHO, 2010).

## **2 Fundamentação teórica**

Dentro da perspectiva sociocognitiva, a referência passa a ser concebida como referenciação, visto que se constitui em uma atividade discursiva e colaborativa. Mondada e Dubois (2003, p. 35) compartilham a ideia de que a referenciação é “uma construção colaborativa de objetos de discurso – quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas”. Frente a essa postura, o sujeito passa a ter um papel de extrema relevância, uma vez que sua atuação em conjunto com a de outros sujeitos em um determinado contexto vai ser importante na construção da referência. Por isso, a referência deixa ser encarada como algo pré-estabelecido à interação, tal como foi vista dentro de uma perspectiva formal de estudos da referência, para ser associada a condições de negociação em virtude de um contexto enunciativo.

O sujeito, diferentemente do que ocorre em outras concepções de cunho mais formal, é necessário e decisivo na construção da referência. Desse modo, as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos na intenção de um querer dizer (KOCH, 2004). Se os sujeitos atuam em conjunto na construção da referência, ela passa a ser vista como o resultado de um processo dinâmico e intersubjetivo que se estabelece no quadro das interações entre locutores e é suscetível a transformações no curso dos desenvolvimentos discursivos, dos acordos e dos desacordos (MONDADA, DUBOIS, 2003). A referência passa, dessa forma, a ser vista como uma atividade conjunta, colaborativa e situada (MARCUSCHI, 2007, p. 113), e não mais como um ato de designação (idem, p. 69).

Para Koch (2004), a referência é concebida como uma atividade, um processo no qual os falantes se engajam para construir a referência. E Morato (2001, p. 59) corrobora essas afirmações quando diz que

a referenciação pode ser entendida como um fenômeno discursivo por explicitar enunciativamente os processos de significação nela envolvidos, por ser constituída por instâncias pragmáticas e culturais que presidem a utilização da linguagem, por ser marcada pelos aspectos sociais e intersubjetivos das interações que lhe são próprias.

Morato (2001), ainda no mesmo trabalho, afirma que a questão da referência prevê uma arbitragem de fatores que pressupõem o linguístico, mas, ao mesmo tempo, transcendem-no. Embora a autora queira enfatizar fatores tais como os pragmáticos, os afetivos, os ideológicos, é interessante ressaltar sua observação para esse ponto. Em sua afirmação, podemos perceber a necessidade de se ter o plano linguístico, mas também de associá-lo a outros elementos semióticos, ressaltando, assim, uma concatenação entre elementos verbais e não-verbais na construção da referência. Mondada (2005) também postula a existência de abordagens plurais nas práticas referenciais. Para ela, o processo referencial é uma atividade tanto discursiva quanto gestual, já que há uma articulação entre uma prática referencial verbal a uma prática constituída por elementos de semioses diversas. A pesquisadora afirma que as suas observações a convidam para um deslocamento teórico que conduz a problemática da referência de um quadro estático abstrato para uma abordagem que não dispensa a organização da fala, bem como do espaço e do contexto no qual ela se enuncia.

Bentes e Rios (2005) também congregam do mesmo pensamento ao pensarem nas estratégias de referenciação. Tomando por base os pressupostos da perspectiva sociocognitiva, as autoras investigam a construção da referência em circunstâncias de atuação em conjunto dos sujeitos e frente a uma possibilidade de articulação entre elementos verbais e não-verbais. Em um trecho de sua análise, as autoras destacam a articulação entre o gesto e introdução de um referente nominal. Em suas palavras, *a instauração do referente ocorre [...] pelo recurso à expressão nominal definida (a irmã) concomitante ao gesto de colocação entre a aspa da mesma expressão* (p. 284).

Custódio Filho (2011) também nos chama atenção para as múltiplas facetas da referenciação. Em sua tese de doutoramento, o pesquisador apresenta reflexões em torno da atuação das múltiplas semioses como recurso integrador no processo referencial e não apenas como um acessório textual de um gênero específico. Acompanhe a reflexão que segue:

O grande destaque, para nós, é o fato de incluirmos essa nova vertente de investigação das imagens no arcabouço da segunda tendência dos estudos em referenciação. Se fosse apenas uma questão de dizer que a imagem participa da construção referencial, bastava limitarmo-nos ao que já havíamos exemplificado, mostrando como uma imagem faz remissão a um elemento do texto e ocupa uma posição na cadeia anafórica. Contudo, uma vez que investimos numa explicação mais ampla do fenômeno da referenciação, nada mais razoável que localizar o papel da imagem em tal panorama. Questões como a não linearidade, o caráter discursivo da recategorização e as relações entre cotextos distintos são inerentes a todo o processo da referenciação, atingindo todas as semioses envolvidas em um texto (p. 254).

Por fim, para alcançar o objetivo pretendido neste trabalho, apresentamos a seguinte (re)definição de Ranieri (s/d) para o conceito de referenciação. Segundo a autora, “a referenciação é uma atividade discursiva de cunho sociocognitivo, baseada numa relação intersubjetiva de atuação coletiva e colaborativa ancorada em práticas multimodais de uso da linguagem”.

Assim, se assumirmos que a referenciação é uma atividade multimodal e é um processo que se constrói discursivamente e colaborativamente, veremos que o conceito de referente não é mais pertinente. Diante disso, tratamos os referentes como objetos-de-discurso.

Na perspectiva sociocognitivista, o processo de referenciação é que vai gerar o seu “referente”, isto é, os objetos-de-discurso são construídos e reconstruídos conjuntamente dentro de um processo interacional. Os referentes, nessa concepção, não são pré-existentes às práticas referenciais, mas são construídos em comum acordo sob uma situação interacional. São instaurados na realização e no desenrolar da atividade referencial (MONDADA, 2005). Os objetos-de-discurso são, portanto, atividades alimentadas e reproduzidas pela atividade discursiva (KOCH, MARCUSCHI, 1998), não são entidades prontas, mas construídos dentro do e pelo discurso. Não se nega a existência de um referente, mas partimos do pressuposto de que a realidade é construída, mantida e alterada por nossas ações sociocognitivas, quando interagimos com ela.

Mondada e Dubois (2003) apontam algumas questões pertinentes para se entender a construção dos objetos-de-discurso. Em primeiro lugar, os objetos-de-discurso, segundo elas, são elaborações coletivas que ultrapassam as intenções individuais. Nesse ponto, é importante salientar que, quando um objeto é introduzido em uma situação comunicativa,

ele passa a ser tratado por todos os participantes, isto é, não só quem o introduziu, mas também é referenciado e recategorizado pelos outros interlocutores. Esta colaboração é notadamente tornada possível graças à maneira que os participantes mobilizam os recursos gramaticais na interação que está sendo feita (MONDADA, 2001). Além dessa construção coletiva, os objetos apresentam também uma variação contextual. Nesse caso, os interlocutores, em um contexto interacional, tendem a controlar seu processo de construção de sentido, entretanto, por maior que seja o controle por parte deles, os objetos vão apresentar um sentido dentro do contexto. Em conclusão, “a indicialidade da linguagem e do discurso quebra a ilusão de dar uma descrição única e estável do mundo e sublinha sua necessária dependência contextual” (MONDADA, DUBOIS, 2003, p. 40).

Também é importante salientar que, por serem os objetos-de-discurso construídos no ato da interação, eles não são entidades do mundo, mas são entidades do discurso. Por sua vez, ainda que tais entidades tenham uma dependência contextual, isso não quer dizer que os objetos-de-discurso não estejam sob condições de estabilização dos referentes. Não se nega, desse modo, a existência dos objetos do mundo, mas se reafirma a construção de referentes dentro de um processo interacional, vinculado a um contexto específico que está subordinado a questões sociais, históricas e culturais.

Podemos, ainda, reforçar esses posicionamentos com a visão de Milner (2003), quando parte do pressuposto de que existe uma referência real e uma referência virtual. Para Milner (2003, p. 86),

neste sentido, a cada unidade lexical individual, é relacionado um conjunto de condições que devem satisfazer um segmento da realidade para poder ser a referência de uma sequência onde intervirá crucialmente a unidade lexical em causa.

Sob essas condições, um referente real será o emprego em condições de uso da língua de uma unidade lexical. Por sua vez, o referente virtual seria o conjunto de condições que uma unidade lexical apresenta independente do contexto, ou seja, a sua referência dicionarizada. Milner mostra que há uma estabilização na referenciação que responde às críticas de que não existem condições de produção para os referentes. Mondada e Dubois (2003) e Koch e Marcuschi (1998) partilham do mesmo pensamento. Ainda que a referenciação seja uma atividade discursiva e colaborativa, o sistema de uma língua

associado ao contexto cultural, social, cognitivo e às condições pragmáticas impede um tudo-pode ou um vale-tudo nesse processo.

### **3 Posicionamento metodológico e análise dos dados**

#### ***3.1 Aspectos da seleção do corpus***

O presente trabalho tem por *corpus* o videoclipe oficial de divulgação da música “Acelaraê” da cantora Ivete Sangalo referente ao álbum ***Multishow ao Vivo: Ivete Sangalo no Madison Square Garden*** postado no site *Youtube* em novembro de 2010 e pelos comentários gerados a partir da visualização do vídeo feita pelos internautas. Por questões dimensionais, selecionamos alguns comentários feitos (aqui representado em quatro (4) exemplares) nos primeiros seis meses de divulgação do videoclipe. O espaço de tempo foi delimitado dentro desse período, pois foi o momento que o vídeo teve o maior número de acessos.

#### ***3.2 Análise dos dados***

Tal como assumido no referencial teórico, conceberemos aqui a referenciação como uma atividade multimodal e colaborativa. No entanto, ainda que saibamos que no processo discursivo em que a referenciação se dá não há separação entre as duas instâncias, por questões metodológicas e didáticas iremos tratar das duas questões separadamente como duas categorias distintas. Para uma melhor visualização da análise dos dados, para a multimodalidade no processo referencial iremos adotar a separação por comentários individuais. Já para tratar do aspecto colaborativo, iremos dividir em trechos que podem comportar mais de um comentário.

Em consonância com as posturas assumidas e diante da imensidade de informações do videoclipe e do número elevado de comentários, selecionamos como um tópico o figurino da cantora. E, em virtude dessa seleção, catalogamos os comentários que visam tratar dessa questão.

#### **Análise multimodal e colaborativa da referenciação**

Em sintonia com os pensamentos de Morato (2001), de Mondada (2005), de Bentes e Rios (2005) e de Custódio Filho (2011), temos a referenciação por uma atividade discursiva que intersecciona os elementos verbais com outras semioses no decorrer da interação verbal. De modo geral, essa agregação leva em consideração o contexto de produção dos interactantes, bem como elementos de ordem cultural e social. Assim, a partir da perspectiva sociocognitiva, vários autores vêm defendendo que é necessário olhar para a referenciação como uma atividade multimodal em que as diversas linguagens se relacionam em prol da construção da referência. Diante dessas condições, os participantes agem sobre a linguagem verbal trazendo elementos diversos, tais como cores, gestos, música, postura, para a estabilização da referência que é negociada e construída colaborativamente. Essa postura de atuação em conjunto é bastante visível quando os interactantes partilham das mesmas condições de produção e dos mesmos pontos de vistas, ou seja, dividem os mesmos espaços discursivos de atuação. A ação colaborativa se dá em função de objetivos discursivos em comum.

No caso do gênero comentário, é perceptível uma partilha de opiniões (contrárias ou a favor) em vista do objeto-de-discurso focalizado. Em cada comentário, o objeto-de-discurso vai sendo ativado e reativado, à medida que os internautas vão escrevendo e se posicionando diante do tópico proposto. Vale ressaltar que não há uma regra que determina quais são os objetos-de-discurso que serão ativados pelos internautas em seus comentários. A seleção por um ou outro se dá de acordo com as intenções e ações dos participantes. Há casos em que os participantes ativam objetos-de-discurso que não estão presentes no texto (verbal ou não-verbal) dado, mas que remetem ao espaço discursivo de atuação deles.

Os referentes, na construção textual, passam a atuar como expressões anafóricas que não apresentam um referente explícito no cotexto, como as teorias na Linguística de Texto vem nos mostrando. O compartilhamento dos sentidos e o seu estabelecimento, via de regra, acontecem em função do entorno discursivo e multimodal da interação e nem sempre há presença verbal dos referentes.

Em nosso caso, como estamos analisando um material audiovisual há uma série de semioses e de itens que compõem o videoclipe que podem vir a se constituir como objetos-de-discurso. Podemos perceber através dos comentários, o ativamento de vários objetos-

de-discurso, como, por exemplo, a música cantada e a própria cantora. No entanto, um dos pontos que mais fica em evidência e que nos chama a atenção é o figurino da cantora.<sup>1</sup> Bem diferente do que Ivete Sangalo costuma usar em seus shows, o figurino, em destaque, foi motivo de repercussão na mídia.

Houve muitas pessoas que demonstraram apreço, mas, de modo semelhante, muitas não se agradaram da roupa usada. Em virtude disso, ao passo que os comentários eram feitos e os objetos-de-discurso eram manejados na construção referencial aspectos do figurino eram evidenciados e tomavam parte da construção da referência. Os comentários abaixo mostram isso. Acompanhemos.

#### **Comentário 1**

que roupa feia parece cantora de calypso  
lucenaapb 4 meses atrás

#### **Comentário 2**

Quer imitar a lady gaga  
ivesai00713c 5 meses atrás

Como destacamos, o figurino é um dos quesitos que mais chamam atenção na lista de comentários feita pelos internautas no site do *Youtube* por ser tratar de algo inusitado para os paradigmas de Ivete Sangalo. Diante disso, muitos apresentam opiniões que envolvem a questão.

O primeiro comentário retoma o figurino reativando<sup>2</sup> o objeto-de-discurso por *roupa feia parece cantora de calypso*. O internauta **lucenaapb** apresenta de modo bem direto sua opinião ao criticar o figurino como feio, ao passo que recategoriza o objeto e nesse processo

<sup>1</sup> Segundo um dos estilistas responsáveis pela produção Bruno Basso, o figurino é o *look Tribal termocrômico* que associa elementos africanos e primitivistas com alta tecnologia do efeito termocrômico. *O resultado final é algo Mad Max, com elementos de vudu, joias de caveiras.* Em <http://chic.ig.com.br/moda/noticia/show-de-ivete-sangalo-em-ny-tem-styling-de-basso-brooke-e-foco-em-detalhes-por-conta-do-dvd-em-alta-definicao>. acesso em 09 de maio de 2013.

<sup>2</sup> Usamos reativado, uma vez que o objeto-de-discurso não aparece pela primeira vez. Outros comentários já tinham se referenciado a ele, entretanto o figurino ficou desfocalizado e passa ser focalizado novamente depois de uma série de comentários.

de recategorização traz à tona outras informações que não são questionadas pelos internautas, demonstrando um partilhamento na construção da referência.

Já o comentário dois (2) é marcado por um processo de categorização que usa um nome próprio para fazer recategorização do objeto – Lady Gaga<sup>3</sup>. No entanto, ao selecionar o nome de Lady Gaga para referenciar o figurino de Ivete, **ivesai00713c** no comentário dois (2) estabelece uma estratégia multimodal para referenciar uma pela outra. É interessante observar que há uma recursividade que vai além do verbal para compor a referenciação. Trata-se de uma recategorização por um nome próprio que incorpora toda a construção discursiva de extravagante, de excesso de cores e de formas não convencionais.

Os aspectos multimodais são integrados ao discurso, ainda que não se tenha lado a lado uma imagem de Lady Gaga para se evidenciar tal afirmação. O sintagma Lady Gaga evoca toda uma construção multimodal que é partilhada pelos internautas. A multimodalidade aqui não é um adereço posto para ilustrar um elemento do texto verbal. É, entretanto, um elemento necessário para a textualização, como Bentes, Ramos e Alves Filho enfocam. Para eles, “a inserção da multimodalidade no escopo de assuntos pertinentes à Linguística Textual implica: um necessário alargamento do conceito de texto, de modo a incorporar nele elementos não verbais (imagem, cor etc.)” (p. 398).

Vejamos os outros comentários.

### **Comentário 3**

Rsrtrs Mas ´e serio... ela parece uma Joanhina no clipe! Rsrtrs

DIDSBH 5 meses atrás

### **Comentário 4**

@DIDSBH joanhina drag kkkkkkkkk

filhadoel 5 meses atrás

<sup>3</sup> No espaço artístico da música pop, a cantora inglesa já é conhecida pelo seu figurino nada convencional do qual Ivete se aproxima no videoclipe.

Aqui o figurino usado pela cantora faz com que o internauta **DIDSBH** do comentário três (3) associe-o a um inseto. Percebemos que a roupa dela é formada por plumas que saem da cabeça e por uma blusa colorida na cintura que lembra o formato de uma joaninha. Desse modo, o objeto-de-discurso é (re)ativado e nessa reativação **DIDSBH** cria uma construção verbal da imagem numa associação entre palavra e imagem e em uso concomitante. Mostrando-nos que a referência construída só é possível e aceita pelo grupo em questão, já que compartilham os mesmos conhecimentos de mundo e socioculturais. A certeza de que a referência feita não reflete um ser no mundo, tal como outras posições teóricas adotam fica evidente quando o próximo participante **filhadoel** do comentário quatro (4) partilha da mesma construção e não “estranha” alguém referenciar Ivete Sangalo pelo objeto-de-discurso *joaninha*.

O partilhamento e a colaboração na construção da referência é tão evidente que **filhadoel** retoma o objeto-de-discurso *joaninha*, mas acrescenta e reconstrói o objeto por *joaninha drag* que além de resgatar a forma do inseto, remete ao exagero de cores e de formas diferentes das roupas usadas pelas *drag queens*. Veja a foto abaixo em que a cantora está vestida com o figurino do videoclipe.



Foto 1: Figurino do videoclipe

Os comentários três (3) e quatro (4) mostram que as atividades referenciais são ações que ocorrem de modo colaborativo e são resultado de um trabalho discursivo integrado entre os participantes, *revelando que compartilham um conjunto de valores e*

*conhecimentos locais* (BENTES, RIOS, 2005). O trecho abaixo deixa clara a atitude colaborativa da construção da referência, já que um comentário foi feito em sucessão ao outro sem que um questione a referência que foi feita pelo outro. Observe:

### **Interação 1**

Rsrtrs Mas ´e serio... ela parece uma Joanhina no clipe! Rsrtrs

DIDSBH 5 meses atrás

@DIDSBH joanhina drag kkkkkkkkk

filhadoel 5 meses atrás

Percebemos uma atuação de elementos cognitivos e culturais em atuação no processo de referenciação. Além disso, vemos que a multimodalidade não é um elemento agregador, mas é sim um elemento necessário para a estabilização da referência e, por sua vez, importante para a progressão referencial.

## **4 Considerações Finais**

O presente trabalho ao se posicionar dentro de uma perspectiva de base sociocognitiva mostra que o ato de referenciar não se esgota ou se limita ao apontamento de objetos do mundo por meio da linguagem. Bem longe disso, percebemos que a referenciação se estabelece como uma atividade discursiva que envolve múltiplas semioses em sua construção e reconstrução dos objetos do mundo em objetos-de-discurso, além de se mostrar uma atividade colaborativa e conjunta.

No caso do gênero comentário, vimos que, em seu espaço na internet, essas duas categorias são imprescindíveis para tratar das estratégias de referenciação nesse gênero textual. Os comentários postados pelos internautas mostraram que há um compartilhamento social e cultural das informações que nos levam a não questionar a existência dos objetos-de-discurso que são ativados, já que não se busca uma associação entre um e outro, mas sim uma atitude de discursivização do mundo. Referir a cantora Ivete

Sangalo como *joaninha* ou *joaninha drag*, como vistos nos exemplos apresentados, não faz com que o usuário da língua pense que a cantora é um inseto. Longe disso. Mas nos mostra que devido a uma articulação de várias semioses em um processo discursivo, podemos referenciar a cantora, naquele contexto, como uma joaninha sem causar *estranheza* nos demais internautas.

O trabalho traz à tona alguns questionamentos que nos levam a pensar a construção da referência sob uma perspectiva mais ampla, tal como vem se dando nos estudos da sociocognição. O recorte que foi dado explicita uma das muitas possibilidades de pesquisas que podem ser desenvolvidas pensando na referenciação como uma atividade discursiva, multimodal e colaborativa. Indo um pouco mais adiante, o presente trabalho também nos permite ampliar o nosso escopo de investigação dos estudos referenciais, ao sairmos de uma abordagem textual, para irmos para uma abordagem cognitivo-multimodal-textual.

Vimos que as referências estabelecidas nos comentários eram feitas, a partir de um videoclipe, que é um texto multimodal. A grande questão aqui levantada é que estamos usando o verbal para se referenciar as diversas semioses presentes no texto e que chamam a atenção do leitor por diversos motivos. Isso vem nos mostrando que a própria condição textual precisa ser repensada, como vários autores hoje vêm discutindo, e, por conseguinte, os processos de textualização. Sem deixar de destacar que a referenciação não se dá somente do verbal para o verbal, mas vimos que todas as semioses são ativadas e passam a atuar como objetos-de-discurso.

### Referências

BENTES Anna Christina, RIOS, Vivian Cristina. **A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários**. In: BENTES, Anna Christina; KOCH Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

BENTES, RAMOS, ALVES FILHO. Enfretando desafios no campo de estudos do texto. In: In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (org.) **Linguística de texto e análise da conversação: panoramas das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Fortaleza: Tese de Doutorado, 2011.

DUBOIS, Danielle; MONDADA, Lorenza. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CIULLA, Alena; RODRIGUES, Bernadete Biasi. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *Delta*, vol. 14, nº especial, 1998 (169- 190).

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual**: Trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *Delta*, vol. 14, nº especial, 1998 (169- 190).

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CIULLA, Alena; RODRIGUES, Bernadete Biasi. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORATO, Edwiges Maria. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação antireferencialista dos processos enunciativos. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas (41): 55 – 74, Jul/Dez, 2001.

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. *In*: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (org.) **Introdução à lingüística**: Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

MONDADA, Lorenza. **Para uma abordagem conversacional dos objetos do discurso**. Continuações do II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, 1416, 3, 2001.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. *In*: BENTES, Anna Christina; KOCH Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria (org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

RANIERI, Thaís Ludmila da Silva. **Estratégias multimodais de construção da referência**: o verbal e o gestual. Recife. Tese de doutorado (em andamento), 2013.